

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**ANA PAULA DE CASTRO**

**A MOTIVAÇÃO NA APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ADICIONAL**

Porto Alegre, julho de 2010.

**ANA PAULA DE CASTRO**

**A MOTIVAÇÃO NA APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ADICIONAL**

Monografia apresentada ao Departamento de Línguas Modernas do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientadora:  
Prof. Dra. June Campos

Porto Alegre, julho de 2010.

**ANA PAULA DE CASTRO**

**A MOTIVAÇÃO NA APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ADICIONAL**

Monografia apresentada ao Departamento de Línguas Modernas do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras.

Data da defesa:

\_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Banca Examinadora

<b>Nome</b>	<b>Titulação</b>	<b>Instituição</b>	<b>Assinatura</b>

## **AGRADECIMENTOS**

- A Deus, pela força e por iluminar meu caminho.
- À minha amada família, que me incentivou e me apoiou durante essa jornada e ao meu querido Jonathas, doce companhia.
- À professora June Campos, pela compreensão e decisiva orientação durante o curso.
- Aos colegas e professores da UFRGS que, de alguma forma, me ajudaram para que esta etapa fosse concluída.
- Aos meus amigos que entenderam minhas eventuais ausências.

## RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar a questão da motivação na aprendizagem de língua adicional na educação básica pública. Para tanto, será feita uma explanação a respeito de algumas definições sobre motivação, a fim de que se possam estabelecer as razões que levam alguém a se motivar e iniciar determinada atividade. Para relacionar a motivação com a aprendizagem da língua adicional, será visto o contexto em que o ensino da língua adicional ocorre, a fim de se verificar a influência do ambiente e da sociedade sobre a motivação do estudante em aprender uma língua adicional, bem como os pontos neste contexto que podem contribuir para a desmotivação do estudante. Também será exposto o papel do professor no desencadear da motivação dos estudantes durante as aulas. Além do professor, será visto como a dinâmica da aula e o ambiente em que a aula ocorre colaboram para a atitude do estudante em relação à língua adicional. Ainda serão feitas sugestões de atividades que contribuam para o desenvolvimento da motivação do estudante.

Palavras – chave: Motivação, aprendizagem, língua adicional, atividades de aprendizagem.

## **ABSTRACT**

This study aims to examine the question of motivation in learning an additional language in the basic public education. For this, an explanation will be presented about some definitions of motivation, can provide the reasons for someone to motivate him or herself and initiate some activity. For relating motivation with learning the additional language it will be seen the context in which language teaching occurs in order to verify the influence of the environment and the society on the student's motivation to learn an additional language, as well as some points in this context that may contribute to the motivation of the student. The role of the teacher in triggering the motivation of students during the lessons will also be discussed. Besides the teacher, how the dynamics of the class and the environment in which the class occurs collaborate for the student's attitude regarding the additional language will be presented. Some suggestions of activities that contribute to the development of student's motivation will be presented.

Key - words: Motivation, learning, additional language, learning activities.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1 MOTIVAÇÃO.....	11
1.1 Teoria da Hierarquia das Necessidades.....	12
1.2 As Motivações Intrínseca e Extrínseca.....	13
1.3 A Teoria da Auto-determinação.....	15
2 O CONTEXTO DA APRENDIZAGEM DA LÍNGUA ADICIONAL.....	17
3 A MOTIVAÇÃO NA APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ADICIONAL.....	21
3.1 O professor.....	21
3.2 A aula.....	24
3.3 A sala de aula.....	30
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS.....	35
ANEXO.....	37

## INTRODUÇÃO

Durante a faculdade, enquanto construía conhecimentos para poder instruir estudantes na Língua Inglesa, sempre acreditei que o ensino não pode vir solto, apenas como algo que deve ser aceito e absorvido pelo aluno para que ele possa tirar uma boa nota na prova, sem um uso realmente interessante do conteúdo em sua vida. Após passar pelos estágios que a universidade me proporcionou, comecei a ficar realmente preocupada com a questão de que o que os estudantes aprendem apenas serve para um objetivo que será (ou não) atingido ao final do ano: não reprovar nas disciplinas escolares.

Esta questão me fez começar a pensar no aprendizado desses estudantes, no motivo que faz com que eles não queiram aprender a Língua Inglesa para a vida. Pensando nessa questão e tentando entender as razões, todas as conclusões me levaram a um único ponto: a (falta de) motivação.

A motivação de fazer algo é o que faz com que alguém saia da inércia e comece a buscar algo diferente. E isso é o que falta aos nossos estudantes: motivação para aprender algo diferente, para começar a pensar e agir de outra forma. Os estudantes não encontram motivação para aprender uma língua adicional<sup>1</sup>, muitas vezes, por causa do seu contexto social: eles conhecem poucas ou não conhecem pessoas que falem outra língua além da Portuguesa; por vezes acreditam não necessitar do conhecimento de um língua adicional para seus objetivos imediatos, como atividades sociais e empregos informais, o que leva ao desinteresse no aprendizado. A carga horária para a língua adicional nas escolas é pequena, o que limita o trabalho do professor, e muitas vezes os estudantes não se “preocupam” em estudar aquele conteúdo para tirar boas notas, pois a “língua estrangeira não roda”.

Celani (1993) já levantava há quase três décadas, a questão de uma situação desfavorável nas salas de aula das escolas públicas. Segundo a autora, os estudantes vêem a Língua Inglesa como uma disciplina que não é levada a sério no currículo escolar. Os próprios pais destes estudantes parecem não acreditar que seus filhos realmente aprenderão uma língua adicional na escola,

---

<sup>1</sup> Optou-se usar o termo “língua adicional” ao invés de língua estrangeira ou segunda língua, conforme orientação dos Referenciais Curriculares Parte 2/2009 pág. 127



considerando que apenas um curso privado de línguas proverá este conhecimento. De fato, esta visão ainda é bastante comum: como professora de um curso de Inglês, ao iniciar o trabalho com os estudantes, pergunto sobre a relação deles com a Língua Inglesa e se eles já estudaram inglês antes. A grande maioria, ao falar do aprendizado de inglês no ensino fundamental e médio, aponta que “viu” a língua na escola, mas o que aprendeu efetivamente foi quase nulo. Muitos dizem que o único conteúdo visto em todo ensino médio foi o “verbo to be”. Um problema que o ensino da língua adicional enfrenta é que pais e estudantes acreditam que o sucesso no aprendizado só é alcançado se o estudante obtiver fluência na língua, e este certamente não é o objetivo do ensino nas escolas da rede pública. Da mesma forma como não se espera que o estudante resulte em um matemático ao estudar matemática, ou em um biólogo após as aulas de biologia, não é esperado que o estudante saia um falante fluente em uma língua, e este objetivo deve ser claro para todos envolvidos na rede de ensino, para que não se rotule o ensino de línguas como um fracasso. É preciso que a sociedade compreenda os objetivos do ensino da língua adicional, que visam munir o estudante com um conhecimento que o torne capaz de interagir no espaço da aula, como apontam os Referenciais Curriculares do Rio Grande do Sul (Rio Grande do Sul, 2009, p. 131):

Na aula de língua, se aprende a usar a língua para agir ali mesmo, com os outros já presentes, e realizar atividades individuais e coletivas para reconhecer-se e ser reconhecido como integrante do grupo do qual participa ou do qual quer participar.

O fato de a comunidade olhar para o ensino da língua adicional como um insucesso torna mais difícil convencer um estudante a estudar outra língua ressaltando a importância que o conhecimento desta língua irá trazer. O que é preciso fazer para que o estudante queira aprender é fazê-lo interessar-se pela aula e pela língua. Buscar meios para que ele se sinta motivado a participar das atividades da aula.

Este trabalho visa mostrar a importância do despertar da motivação dos estudantes no contexto escolar, bem como apresentar meios para que a motivação esteja presente nas aulas de língua adicional. Para desenvolver estas idéias, além desta introdução o trabalho apresenta mais quatro capítulos. No capítulo seguinte apresento definições acerca da motivação de um modo geral. O segundo capítulo aborda o contexto do ensino língua adicional, verificando a situação em que o

aprendizado da língua se dá e os objetivos do ensino de língua adicional. Já o terceiro capítulo mostra como o professor, a dinâmica da aula e o ambiente da aula podem se mover para desencadear a motivação no estudante. Por fim, elaboro algumas considerações finais no capítulo quatro sobre a questão da motivação no ensino da língua adicional na escola.

## 1. MOTIVAÇÃO

Para começar a pensar na importância da motivação no contexto escolar, busquei o significado da palavra motivação, bem como sua etimologia. Segundo o dicionário Houaiss (2009), motivação é assim definida:

s.f. Ato ou efeito de motivar. Motivo, causa. Conjunto de processos que dão ao comportamento uma intensidade, uma direção determinada e uma forma de desenvolvimento próprias da atividade individual.

Já a origem etimológica do termo indica que motivação deriva originalmente da palavra latina “movere”, que significa mover, indicando um estado de despertar da vontade, do ânimo. Para que haja esse despertar o indivíduo precisa identificar o motivo, o que o move em direção a determinado objetivo. Ele precisa de um motivo para exercer uma ação.

Além destes dois conceitos primários, temos muitas definições de motivação. É importante conhecer algumas destas definições para obter o embasamento necessário para despertar e desenvolver a motivação no contexto escolar. Brown (2007, p. 85) aponta que as definições podem ser interpretadas de formas diferentes, dependendo da teoria adotada sobre o comportamento humano. Ele expõe três pontos de vista para analisar as definições: o comportamental, o cognitivo e o construtivista.

Na definição comportamental<sup>2</sup>, psicólogos como Skinner ou Watson apontam a questão da recompensa como instrumento de motivação. A recompensa serve para reforçar o comportamento. Esta técnica é bastante usada: Ao propor uma atividade, o professor indica que será ofertado um prêmio para o estudante ou grupo de estudantes que melhor realizá-la. O prêmio pode ser uma guloseima ou uma melhoria no conceito do estudante, por exemplo.

Já a definição cognitiva versa sobre um grupo de três pontos de vista acerca da motivação. Estes pontos de vista são: a teoria do impulso<sup>3</sup>, que acredita que a motivação do ser humano se origina de impulsos naturais como exploração e manipulação; a teoria da hierarquia das necessidades, que veremos mais atentamente a seguir, e a teoria do auto-controle, que prega a importância do

---

<sup>2</sup> Do Inglês “behavioral definition”.

<sup>3</sup> Do Inglês “drive theory”

indivíduo poder fazer suas próprias escolhas para obter motivação em alguma atividade.

Além destas duas definições, Brown (2007, p. 87) discorre sobre a definição construtivista, que explica que cada pessoa é motivada de uma forma diferente, dependendo do seu contexto social e cultural. Inclusive a teoria da hierarquia de necessidades de Maslow (1970) também pode ser vista por um ângulo construtivista, visto que fatores como comunidade e *status* social influenciam as escolhas da pessoa para definir suas principais necessidades.

Após considerar estas teorias, é interessante verificar alguns pontos relevantes sobre definições de motivação. Por isso será mostrada a teoria da hierarquia das necessidades de Maslow, que fornece informações a respeito de o que motiva alguém a fazer determinadas atividades; será apresentada uma introdução sobre os fatores intrínsecos e extrínsecos de motivação; por último, uma observação a respeito do despertar da motivação.

Sendo assim, a primeira definição a ser mostrada é a Teoria da Hierarquia das Necessidades de Maslow.

### 1.1 Teoria da Hierarquia das Necessidades (Maslow 1970, p. 35-46 ).

Esta teoria apresenta a motivação de uma forma geral. Segundo esta teoria, toda forma de motivação está relacionada a cinco níveis de necessidades que respeitam a seguinte hierarquia: necessidades fisiológicas, necessidades de segurança, necessidades sociais, necessidades de estima e por último, necessidades de auto-realização.

Para exemplificar, as necessidades fisiológicas podem ser caracterizadas por alimentação, hidratação e sono. Já as necessidades de segurança caracterizam a vontade de proteção, estabilidade e ordem. A necessidade de amigos e de relacionamentos afetivos em geral qualifica as necessidades sociais. O desejo de ser estimado por outras pessoas, ter a confiança, o reconhecimento e a atenção delas assinala as necessidades de estima. Por último há a necessidade de se auto realizar, em que a pessoa busca satisfazer metas pelo prazer da realização.

Esta teoria, por apresentar uma hierarquia entre as necessidades, pode ser configurada como uma pirâmide. Abaixo temos a pirâmide proposta por Maslow (1970):

Tabela 1 – Hierarquia das Necessidades proposta por Maslow.



As necessidades fisiológicas vêm em primeiro lugar, o que mostra que o indivíduo busca satisfazer as necessidades primárias antes de buscar as do nível mais alto. Segundo Maslow, para motivar as pessoas, precisamos conhecer as necessidades do nível que já estão satisfeitas nestas pessoas para levá-las a uma motivação ao próximo nível. Como essa definição pode ser reconhecida no ensino da língua adicional será visto no próximo capítulo.

## 1.2 As Motivações Intrínseca e Extrínseca

Esta definição apontada por vários autores, entre eles Deci & Ryan (2000), divide em duas categorias a motivação de alguém em conseguir algo. Na motivação intrínseca a pessoa busca o reconhecimento positivo, uma recompensa psicológica. Já a motivação extrínseca almeja um retorno material. Segundo White (1959 apud Deci & Ryan, 2000)<sup>45</sup>

A motivação intrínseca é definida como o fazer de uma atividade pela satisfação inerente ao invés de por uma recompensa. Quando intrinsecamente motivada, uma pessoa é movida a agir pela diversão ou pelo desafio implicado, mais que por um estímulo externo, pressões ou recompensas.

<sup>4</sup> O Texto está disponível em meio eletrônico e não apresenta paginação.

<sup>5</sup> As traduções de todos textos originalmente em Inglês são de minha autoria.

Já sobre a motivação extrínseca, Deci & Ryan (2000) apontam que

A motivação extrínseca é uma construção que se configura sempre que uma atividade é feita para atingir algum resultado separado. A motivação extrínseca assim contrasta com a motivação intrínseca, que se refere a fazer uma atividade simples para o gozo da própria atividade, ao invés de seu valor instrumental.

Também pode ocorrer de uma motivação extrínseca desencadear a motivação intrínseca: por exemplo, uma pessoa que quer muito conhecer um país estrangeiro e pretende morar neste país por um período de tempo, será levada a ter que aprender a língua deste país para melhor conviver com a nova cultura. Esta razão indireta para estudar outra língua pode ocasionar o prazer de estar aprendendo, o que constrói a motivação intrínseca.

No âmbito do ensino da língua adicional, as duas motivações podem ser alcançadas, visto que o estudante pode obter reconhecimento por saber aquele conteúdo no seu meio social, além de atingir uma boa nota em uma prova para mostrar como troféu para pais e amigos. Brown (2007, p. 91) mostra uma tabela que expõe as motivações intrínseca e extrínseca, apontando oito elementos extrínsecos que podem resultar em motivação intrínseca. Abaixo temos a Tabela 2, adaptada do texto de Brown.

Tabela 2 – De motivação extrínseca a intrínseca nas instituições educacionais.

<b>Pressões extrínsecas</b>	<b>Inovações intrínsecas</b>	<b>Resultados motivacionais</b>
CURRÍCULO ESCOLAR	Aprendiz centrado Metas pessoais Individualização	Auto-estima Auto-atualização Decidir por si
EXPECTATIVA DOS PAIS	Solidariedade da família Acordos negociados	Amor, intimidade Aceitação, respeito pela liberdade
EXPECTATIVAS DA SOCIEDADE (conformidade)	Segurança de rotina confortável Ensino baseado em tarefas	Comunidade, identidade, harmonia, segurança
TESTES E EXAMES	Avaliação por observação Auto-diagnóstico Exercícios de checagem de nível	Experiência Auto-conhecimento
GRATIFICAÇÃO IMEDIATA	Estabelecer metas de longo prazo Foco no conteúdo inteiro Paciência irá premiar	Auto-atualização
FAZER DINHEIRO!	Ensino baseado no conteúdo Educação vocacional Local de estudo- ESL	Cooperação Harmonia
COMPETIÇÃO	Aprendizado cooperativo Trabalho em grupo A turma é um time	Comunidade Força, <i>status</i> Segurança

NUNCA FALHAR! (rodar)	Assunção de riscos Inovação, criatividade	Aprender com os erros Ninguém é perfeito "c'est la vie" (é a vida)
-----------------------	--	--

Fonte: Brown, 2007 p. 91

Neste quadro é possível averiguar que se pode transformar um fator externo em uma razão interna para realizar uma atividade. A forma com a qual as tarefas são propostas em aula é que fará a diferença: é interessante fazer com que o próprio estudante encontre formas de suprir sua curiosidade. Atividades que envolvam interação entre os estudantes são bastante interessantes neste âmbito. Por exemplo, é possível levar vários assuntos atuais, que estejam na mídia, com palavras-chave na língua adicional, e pedir para que cada estudante ou grupo de estudantes, dependendo do número de integrantes da turma, pesquise a respeito deste assunto. Em um próximo momento, o(s) responsável(s) por cada assunto irá discorrer a respeito do assunto seu para um colega, que fará o mesmo com outro com colega, e assim por diante. O estudante terá escolhido um tema que o interessou e poderá aprender mais sobre este assunto, mas agora de uma forma mais direcionada. O fato de o estudante poder interagir com outros colegas contribui para a troca de conhecimentos, de experiências.

Analisando esta definição sobre motivações intrínseca e extrínseca juntamente com a Teoria de Maslow, pode-se inferir que a motivação intrínseca é superior à extrínseca, já que ela contempla a necessidade básica de realização. Outro fator que contribui para a importância da motivação intrínseca é a questão de que, quando intrinsecamente motivada, a pessoa tem seus próprios motivos para realizar uma atividade, e encontrará satisfação a cada passo realizado, o que não ocorre quando há apenas a motivação extrínseca, visto que só é alcançada uma recompensa ao término da atividade.

### 1.3 Teoria da Auto-determinação

Analisando por este viés, Pintrich e Schunk (1996 apud Cavenaghi 2009), mostram que a motivação é um processo que ocorre durante a obtenção de uma meta. Ela não pode ser diretamente observada, mas sim inferida a partir da escolha de ações, empenho nas tarefas e nas verbalizações. A motivação promove atividades que exigem o esforço necessário para atingir os objetivos. Desta forma, começar uma atividade é a parte mais difícil, já que o primeiro passo é gerado

apenas pela motivação de atingir o que se quer, sem ter a presença de reforço para sustentar a motivação.

No próximo capítulo veremos o contexto do ensino da língua adicional nas escolas para poder perceber a importância da motivação nesse meio e verificar formas de motivar os estudantes para o aprendizado de outra língua.



## 2. O CONTEXTO DA APRENDIZAGEM DA LÍNGUA ADICIONAL

Como foi mostrado no capítulo anterior, uma pessoa está motivada a fazer algo quando tem uma necessidade que precisa ser satisfeita. Segundo a teoria de Maslow, as necessidades obedecem a uma hierarquia que coloca as necessidades fisiológicas em primeiro lugar. Entrando no contexto do ensino de língua adicional, é preciso avaliar a necessidade que o estudante tem de aprender esta língua. As razões podem variar de acordo com o contexto social do estudante, mas podemos dizer que se enquadra, no mínimo, na terceira posição da hierarquia, que representa as necessidades sociais. Muitas vezes o estudante não percebe a necessidade do conhecimento de outra língua, o que é um fator agravante na falta de motivação para aprender, colocando o aprendizado de uma língua no último grau da pirâmide. Como o terceiro grau da pirâmide apenas será levado em consideração após os anteriores estarem preenchidos, podemos apontar a falta de segurança no local onde o estudante mora e até mesmo no ambiente escolar como fatores de desmotivação no aprendizado de forma geral.

Devemos pensar que todo estudante chega à sala de aula, no início do ano letivo, com sua motivação inicial, seja ela para estar presente em sala de aula e adquirir um diploma ao final do ano, seja para se envolver no aprendizado. É necessário fazer com que esta motivação seja mantida, e talvez renovada, fazendo com que o estudante tenha interesse pelos assuntos da aula e, conseqüentemente, adquira motivação para aprender. O foco do ensino deve estar no estudante. Segundo Schütz (2003)<sup>6</sup>,

A motivação é uma força interior propulsora, de importância decisiva no desenvolvimento do ser humano. Assim como na aprendizagem em geral, o ato de se aprender línguas é ativo e não passivo. Não se trata de se submeter a um tratamento, mas sim de construir uma habilidade. Não é o professor que ensina nem o método que funciona; é o aluno que aprende. Por isso, a motivação do aprendiz no aprendizado de línguas é um elemento chave.

O ambiente em que o estudante vive muitas vezes não contribui para que ele seja motivado a aprender uma língua adicional. O fato de ele não ter com quem falar outro idioma representa um fator de desinteresse no aprendizado. Além disso, muitas vezes o estudante não aspira crescimento profissional qualificado: ele

---

<sup>6</sup> O Texto está disponível em meio eletrônico e não apresenta paginação.

busca profissões que não exijam o conhecimento de uma língua adicional, e por isso não percebe a necessidade de aprendê-la. Schütz (2003) explica sobre esta falta de motivação no aprendizado da língua adicional:

A origem da motivação é sempre o desejo de se satisfazer necessidades. O ser humano é um animal social por natureza e, como tal, tem uma necessidade absoluta de se relacionar com os outros de seu ambiente. Essa tendência integrativa da pessoa é o principal fator interno ativador da motivação para muitos de seus atos. Por exemplo, se estivermos em um ambiente caracterizado pela presença de uma língua estrangeira, naturalmente teremos uma forte e imediata motivação para assimilarmos essa ferramenta que nos permite interagir no ambiente, dele participar e nele atuar. Aprender uma língua fora do ambiente de sua cultura seria como aprender a nadar fora d'água.

Por se tratar de um contexto artificial, o ensino da língua adicional muitas vezes não consegue atingir seus objetivos em sala de aula. Além de artificial, muitas vezes o que é trabalhado com os estudantes é algo completamente fora do contexto social deles, ou muito distante do mundo atual. Alguns livros utilizados para o ensino da língua adicional trazem histórias sobre pessoas que eles não conheceram, falam de uma cultura que não faz parte do mundo dos estudantes, e isto agrava o distanciamento.

Na verdade, esta falta de visualização prática de um conteúdo também acontece com outras disciplinas ensinadas na escola: por exemplo, em uma aula de física, apenas estudar os tipos de movimento que um objeto pode ter e como calcular a velocidade com que este movimento é desencadeado muitas vezes não é atrativo para o estudante. É possível citar exemplos semelhantes para todas as disciplinas. Então, por que com a língua adicional esse distanciamento se dá de forma tão intensa?

Começemos analisando a carga horária oferecida para a matéria: em geral, é de duas horas semanais, sendo a menor carga horária disponível para algumas disciplinas. Outro fator de desinteresse por parte dos estudantes é a lenda de que a língua adicional não “roda”. Sabemos que muitos estudantes estão interessados apenas em conseguir a nota mínima para poder avançar de ano. Quando não é necessário se esforçar para passar em uma disciplina, o interesse praticamente não existe, muito menos a contribuição para uma boa aula.

O ensino de uma língua adicional é importante para que o estudante se sinta incluído na sociedade. Embora muitas vezes o contexto social do aluno não torne necessário o conhecimento de outra língua, há o fato de que cada vez mais a

informática e meios tecnológicos estão presentes no cotidiano de todos. Além disso, a globalização avança sem fronteiras, trazendo muitas expressões de outros idiomas para nosso dia a dia. Estes pontos reforçam a necessidade de que seja ensinada ao estudante uma língua adicional, pois a escola tem a missão de preparar o estudante para ter condições de atuar no mundo que o cerca, sendo capaz de fazer parte da sociedade efetivamente com o conhecimento que é ofertado. A escola deve prepará-lo para ser um cidadão com possibilidades de desenvolvimento social e profissional, o que pode incluir um futuro acadêmico. Sabemos também que para conseguir emprego hoje em dia, um dos principais requisitos é o conhecimento de uma língua adicional, mais especificamente Inglês e/ou Espanhol. O ensino da língua adicional é importante e pode contribuir para a formação pessoal dos estudantes como qualquer outra disciplina, como mostram os Referenciais Curriculares do Rio Grande do Sul (Rio Grande do Sul 2009, p. 127):

A escola deve promover o direito à fruição e o exercício da cidadania, e ambos podem ser desenvolvidos nas aulas de línguas; em outras palavras, as aulas de Espanhol e de Inglês podem promover o desenvolvimento da curiosidade intelectual e do gosto pelo conhecimento e, através da consciência do outro, o exercício da negociação de conflitos, da colaboração e da solidariedade para a formação do senso ético e participação crítica na sociedade.

O ensino de todas as disciplinas oferecidas na escola deve ser considerado um pacote unido para formar cidadãos. Todas as disciplinas têm um objetivo comum: melhorar o estudante, aprimorar o conhecimento de todos os envolvidos, e o ensino de uma língua adicional deve estar conectado com essa meta. Reforça esta idéia o apontamento feito pelas Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (Brasil, 2002, p. 94), que afirma:

A língua estrangeira ocupa posição privilegiada no currículo por servir como “ferramenta” a todas as outras disciplinas, facilitando a articulação entre áreas e oferecendo múltiplos suportes para várias atividades e projetos. O que ocorre nos projetos interdisciplinares, ainda que de modo simulado, é uma antecipação do que acontecerá na futura vida social do aluno, no mundo do trabalho e no âmbito acadêmico, se for prosseguir seus estudos.

Para poder desencadear metas de ensino, é interessante recorrermos aos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio - PCNEM. Neles temos muitas informações pertinentes ao ensino da língua adicional, começando por como lidar

com a pouca carga horária oferecida. Segundo as Orientações Educacionais Complementares aos PCNEM (Brasil, 2002, p. 93), o professor deve:

- definir metas de aprendizado;
- estabelecer etapas seqüenciais de encadeamento dos módulos de aprendizado;
- definir critérios para a seleção de competências e conteúdos a serem privilegiados nos três anos do curso;
- selecionar procedimentos que possibilitem a aquisição e a ativação de competências aliadas à aquisição dos conteúdos mínimos necessários;
- articular os saberes em língua estrangeira com outros saberes do currículo, de modo a mobilizar o conhecimento do aluno para o enfrentamento de situações- desafio da vida social, dentro e fora da escola.

Seguir estes itens iniciais é bastante importante. Quando definimos uma meta para o aprendizado, podemos focar os assuntos que serão tratados e assim organizar de uma melhor forma o que pretendemos trabalhar, fazendo com que o trabalho que será desenvolvido com os alunos fique claro para todos. Além disso, estabelecer e seguir uma seqüência de conteúdos para serem desenvolvidos para os três anos do ensino médio é de suma importância, para não haver a repetição de conteúdos, e principalmente, para ocorrer um progresso no conhecimento do estudante sobre a língua. Sabe-se de muitas escolas em que um mesmo conteúdo é trabalhado em todo o ensino médio, e essa repetição de assuntos é um fator de desmotivação entre os estudantes. Ainda temos a seleção de procedimentos que deverão ser empregados pelo professor para o ensino, o que faz uma grande diferença no desenrolar do ano letivo. A maneira de um conteúdo ser apresentado e trabalhado reflete diretamente em como o estudante recebe este conteúdo. E por último, temos a união de todos os saberes desenvolvidos na escola, o que certamente faz com que todas as disciplinas estudadas tenham importância e sejam valorizadas pela comunidade escolar.

O passo principal aqui é atingir o estudante com uma boa razão para ele começar a fazer o que se pede em aula, pois no início de um ano letivo, como ele ainda não construiu nada, ele não tem nada a perder. Por isso, no capítulo a seguir veremos sugestões para estimular a motivação no ensino da língua adicional.

### 3. A MOTIVAÇÃO NA APRENDIZAGEM DA LÍNGUA ADICIONAL

A motivação no ambiente escolar pode ser desenvolvida a partir de muitos fatores. Considerando que o estudante traz uma motivação natural no início do ano letivo, é necessário que se construam meios, dentro da sala de aula, para que a motivação permaneça e aumente a ponto de fazê-lo se envolver no processo de aprendizagem, o que faz com que o seu grau de conhecimento sobre a língua melhore natural e prazerosamente.

Por isso, aqui se busca verificar alguns pontos essenciais para o desencadear da motivação nos estudantes em sala de aula. Veremos o papel do professor no desencadeamento da motivação do estudante, bem como a estrutura do planejamento da aula, além do espaço em que a aula ocorre.

#### 3.1 O professor

Um fator imprescindível para um professor motivar o estudante é que o professor esteja também motivado, e passe esta impressão aos estudantes. Um professor que não demonstra interesse pelos alunos e pelo assunto que trabalha em aula não irá despertar o interesse dos estudantes. Por isso é muito importante que o professor esteja bem preparado para as aulas – ou seja, pesquise sobre o conteúdo que irá trabalhar e planeje a dinâmica da aula.

Mesmo o professor estando preparado, pode surgir alguma questão por parte de um estudante que o professor não esteja apto a responder, e este é outro ponto importante na relação professor-aluno para manter a motivação: o professor, não conseguindo informar o estudante a contento, deve se mostrar disposto a buscar aquela informação, e em uma próxima ocasião, dirimir a dúvida do estudante. Este tipo de atitude faz com que o estudante tenha confiança no professor. Infelizmente, ouvem-se histórias de professores que inibem os estudantes a perguntar além do que faz parte do conteúdo curricular. Ora, quando um estudante faz uma pergunta, mostra que ele está, de alguma forma, interessado, e este interesse, mesmo que pequeno e específico, pode se

transformar em um fator desencadeador de motivação caso o professor saiba aproveitar. O papel principal do professor deve ser o de fazer o estudante se interessar pelo conteúdo; afinal, o papel da escola não é apenas passar um saber, mas sim formar cidadãos informados.

Dörnyei (2001, p. 33) mostra estratégias interessantes para o professor promover o ensino da língua adicional na sala de aula:

- Mostre aos estudantes que você valoriza o aprendizado da L2 como uma experiência significativa que produz satisfação e enriquece sua vida.
- Mostre aos estudantes que você se importa com o progresso deles.
- Preste atenção e escute cada um deles.
- Crie uma atmosfera agradável na sala de aula.
- Encoraje o estudante a arriscar e aceite os erros como uma parte natural do aprendizado.
- Traga e encoraje o humor.
- Tente promover interação, cooperação e compartilhamento de informações pessoais entre os estudantes.
- Formule normas para o grupo explicitamente, e as tenha discutidas e aceitas pelos estudantes.
- Observe consistentemente as normas do grupo.

Estas estratégias são simples de se aplicar: O professor pode enfatizar a presença da língua no cotidiano dos estudantes, levando notícias de jornais ou revistas que mostrem fatos em que o conhecimento de outra língua beneficiou alguém; parabenizar o estudante quando ele desenvolve bem uma atividade e relembrar momentos em que ele se superou para incentivá-lo são formas do professor demonstrar o interesse pelo progresso do seu grupo; procurar trocar idéias com os estudantes, fazê-los sentir que são parte importante do grupo, levando em consideração o que eles contam; não criticá-los quando perguntam algo que já foi mostrado em aula é uma forma de deixá-los à vontade para interagir e produzir; Fazer o grupo produzir bastante e principalmente, dar *feedbacks* constantemente; Levar histórias em quadrinhos engraçadas, piadas na outra língua, que tenham um vocabulário compatível com o nível da turma ou que sejam de fácil explicação, para o início ou final da aula. (Ver Anexo); a aula de língua adicional é um momento em que o estudante pode até “focar” se quiser, se estiver treinando a língua. Portanto, abrir espaço para a fala do estudante é muito válido; também é importante sempre mostrar que as normas foram estabelecidas pelo grupo e lembrar as razões do grupo ao criar as normas.

Para o professor criar um ambiente agradável para o estudante, é preciso que desde o início do ano letivo seja estabelecido como o trabalho irá funcionar. Dar autonomia ao estudante e mostrar que acredita que ele é capaz é essencial para ter um bom relacionamento com o grupo e, assim, ter um bom ambiente para desenvolver bem as atividades propostas.

O professor deve dar crédito ao estudante, acreditar que ele é capaz de desenvolver um bom trabalho antes de tudo. Segundo Freire (1997, p. 46),

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto.

É muito importante que o professor veja o estudante como alguém que o está ensinando também, afinal, ao mesmo tempo em que se ensina, se aprende. O professor não deve ver o estudante como “tabula rasa”, e sim como outro ser pensante e capaz de produzir. Este tratamento faz uma diferença significativa em como o estudante se sente dentro da sala de aula. O estudante, se sentindo parte integrante do grupo, terá mais motivação para atuar dentro deste grupo. Como disse Freire (1997, p. 47),

Às vezes, mal se imagina o que pode passar a representar na vida de um aluno um simples gesto do professor. O que pode um gesto aparentemente insignificante valer como força formadora ou como contribuição à do educando por si mesmo.

Por isso, é importante que o professor tenha em mente que deve incentivar o estudante para qualquer atitude relacionada ao aprendizado.

Um fator que pode motivar o estudante é o reconhecimento da presença da língua adicional no seu cotidiano. Quanto a isso, Celani (1993, p. 20) aponta que, no início do ano letivo, o professor pode fazer uma atividade de pesquisa com os estudantes para que eles notem o quanto esta outra língua está presente e assim seja evitado, ou pelo menos diminuído, o choque da “nova” língua. A atividade propõe que a turma seja dividida em grupos e que cada um receba uma tarefa. Algumas tarefas sugeridas pela autora para o ensino do Inglês são:

- Encontre 10 nomes de alimentos / bebidas que a Língua Portuguesa “pegou emprestado” da língua inglesa;
- Encontre 10 palavras relacionadas a esportes e jogos que a Língua Portuguesa “pegou emprestado” da língua inglesa;

---

<sup>7</sup> Atividade adaptada do livro Cem aulas sem tédio.

- Encontre 10 nomes de atores ou atrizes ou cantores americanos ou britânicos;
- Encontre 10 nomes de filmes ou músicas em Inglês;
- Encontre 10 nomes de produtos que você acha que são nomes em Inglês;
- Colete, nas embalagens de produtos, instruções ou qualquer outra informação que venha em Inglês.

Em um próximo momento os grupos devem mostrar as informações que conseguiram para a turma. O professor pode levar exemplos também.

Certamente esta atividade no início das aulas escolares aproximará os estudantes da língua adicional. Seria interessante, após esta atividade, pedir aos estudantes que escrevessem sobre a importância de aprender uma língua adicional. Fazer com que os próprios estudantes descubram seus motivos para fazer algo é muito importante, pois desencadeia a essência da motivação intrínseca que, como foi visto anteriormente, é considerada superior à extrínseca e, conseqüentemente, faz com que o aprendizado se torne mais satisfatório para o estudante.

Para o professor se aproximar dos alunos de uma forma diferente, Amorim (2003) propõe uma atividade mostrando o que professor pode fazer para fortalecer o vínculo com o estudante:

#### O Carteiro e o Professor<sup>7</sup>

Às vezes temos alguns estudantes que dão mais trabalho, que não se envolvem muito nas atividades ou que não conseguem ter um bom desempenho. Esta atividade serve para o estudante se “sentir importante” e mais motivado para as aulas.

- a) No computador, procure um modelo de carta. Um mesmo modelo pode servir para diferentes estudantes. Pode-se escrever a carta a mão também. A carta deve ser escrita na língua adicional e se necessário, ter a tradução no Português.
- b) A carta deve sempre enumerar pontos positivos da atuação do estudante em aula, em vez de concentrar-se apenas nos pontos negativos.
- c) Dê sugestões concretas e realistas de como o estudante pode enfrentar e superar a sua dificuldade.
- d) Coloque-se à disposição para uma ajuda personalizada em sala de aula, sempre que o estudante precisar.
- e) Consiga o endereço do estudante na secretaria e mande a carta para sua casa via correio.

Não o avise sobre o que vai receber; a surpresa faz parte do prazer de abrir o envelope, principalmente quando a carta é de um amigo.

### 3.2 A aula

O professor deve procurar organizar a aula juntamente com o grupo. Colocar para os estudantes os planos e pedir a opinião deles em relação ao que

---

<sup>7</sup> Atividade adaptada do livro Cem aulas sem tédio.



está sendo proposto. Dörnyei (2001, p. 46) traz algumas configurações para o ambiente de sala de aula interessantes para estudantes e professores:

Para o estudante:

- Não vamos nos atrasar para as aulas.
- Sempre escreva seu tema de casa.
- Se você perder uma aula, busque a matéria e pergunte sobre o tema de casa.

Para o professor:

- A aula deve terminar no horário.
- Tema de casa e testes devem ser agendados com antecedência de uma semana.

Para todos:

- Vamos tentar ouvir uns aos outros.
- Vamos ajudar uns aos outros.
- Vamos respeitar as idéias e valores do outro.
- Não há problemas em errar: eles estão aprendendo pontos.
- Não vamos rir das fraquezas dos outros.
- Nós devemos evitar machucar uns aos outros, verbal ou fisicamente.

O professor pode sugerir estas configurações para o grupo, pedindo que eles dêem suas opiniões a respeito. Elas devem ser aceitas pela maioria para um bom andamento da aula.

As aulas devem ser bem planejadas pelo professor, que deve buscar levar atividades interessantes e instigantes. Levar sempre o mesmo tipo de atividade faz com que a aula não “tenha graça” e isso desencadeia a desmotivação. Uma proposta interessante é a de levar, de vez em quando, uma atividade curta, com ar de brincadeira, que dure entre cinco a dez minutos, para iniciar a aula. Quando os estudante mostrarem-se atenciosos no início da aula, fazer uma atividade diferente, que produza interação entre eles. A idéia de que a aula não é sempre “a mesma coisa” faz com que o estudante se sinta mais motivado. E um estudante motivado é capaz de lidar melhor com suas dificuldades no processo de aprendizagem. A seguir, um exemplo de atividade para se fazer no primeiro dia de aula, mas que pode ser adaptada para ser feita no decorrer do ano letivo:

A Corrente (Atividade rápida, de integração afetiva, que permite desnível linguístico).<sup>8</sup>

“A Corrente” é uma atividade de concentração (mas ao mesmo tempo de descontração) que pode ser usada tanto no primeiro dia de aula, por alunos iniciantes, como mais tarde, para exercitar tópicos gramaticais específicos, ou mesmo para ampliar vocabulário.

- a) No caso do primeiro dia de aula, o professor se apresenta, ensinando a maneira mais fácil de alguém fazê-lo na língua adicional.

---

<sup>8</sup> Atividade adaptada do livro Cem aulas sem tédio.

- b) Encoraje os estudantes a apresentarem-se também, e depois pergunte quem se lembra do nome de um colega. Ensine, então, sempre da forma mais fácil possível, como apresentar uma pessoa do sexo masculino ou feminino. (“Ele/Este é o Carlos”; Aquela/ Ela é a Patrícia”)
- c) Pratique em cadeia: João apresenta Mariza, Mariza apresenta José, José apresenta Carlos, e assim por diante, até que a maioria dos presentes tenha sido apresentada por um colega.
- d) Chega a vez de propor um desafio maior. Disponha os alunos em um semi-círculo. O professor toma o seu lugar à esquerda do primeiro estudante e começa de apresentando: “Eu sou o Carlos.” É a vez então do segundo estudante apresentar-se e apresentar o professor: “Eu sou Marcelo e ele é o Carlos.” O terceiro apresenta-se, apresenta o colega e o professor: “Eu soa a Mariana, ele é o Marcelo e ele é o Carlos.” E assim sucessivamente, até que o último estudante apresenta todos.

Claro que, à medida que o número de nomes aumenta, fica mais difícil e ocorrem muitos erros, mas cabe ao professor descontraír o grupo, “soprando” disfarçadamente (ou nem tanto) quando alguém esquecer um nome, e permitindo que os esquecidos “colem”. Ao fim da atividade, além de ter dado boas risadas, os estudantes terão aprendido o nome da maioria dos colegas, o que contribuirá para um entrosamento maior e mais rápido da turma.

Para praticar vocabulário: O primeiro estudante começa dizendo que vai a um piquenique e que levará uma coisa que comece com a letra “a”. O segundo diz o que o colega vai levar e o que ele próprio levará, mas necessariamente terá de ser algo com a letra “b”; o terceiro levará algo começando por “c” e assim por diante, um sempre repetindo o que os colegas já disseram e adicionando mais um item em ordem alfabética.

A fim de dar um clima lúdico a este tipo de atividade, o ideal é que o professor sempre a inicie dando um tom descontraído. Por vezes, ele (a) poderá ir para o fim da fila e tomar o angustiante lugar de quem tem de lembrar tudo o que foi expresso anteriormente. Se errar não há problema, porque estará deixando claro que não espera que todos tenham uma memória prodigiosa, mas se acertar estará mostrando que é, sim, possível se concentrar e lembrar-se de todas as informações.

Quando os estudantes já conhecerem a atividade, permita que eles escolham o lugar que ocuparão na corrente, ficando os mais confiantes para o fim e os inseguros mais para o começo da fila. Sempre há aqueles que adoram um desafio.

Segundo Deci (1975, p. 23 apud Brown 2007 p. 88) temos dois tipos de atividades que despertam diferentes motivações: intrínseca e extrínseca. As atividades que desencadeiam motivação intrínseca são aquelas em que não há uma recompensa aparente, apenas o desenvolvimento da atividade é o importante. A atividade sugerida acima é um exemplo de atividade intrínseca. Nestas atividades busca-se apenas o desenvolvimento ou o aprimoramento do conhecimento. Já as atividades extrínsecas são aquelas em que há uma recompensa estabelecida ao término da atividade, como um prêmio, uma nota ou um *feedback* positivo. Atividades extrínsecas também são importantes para a construção do aprendizado, pois ao final da atividade é alcançada uma recompensa que justifica o esforço depositado. Abaixo, um exemplo de atividade extrínseca:

O Significado dos Nomes (Atividade rápida, de integração afetiva, que permite desnível linguístico).<sup>9</sup>

Pouca gente já parou para pensar, mas os nomes próprios são palavras, geralmente de origem estrangeira. Isso fica claro na conhecida obra de Isabel Allende, *A Casa dos Espíritos*, onde quatro gerações de mulheres têm nomes diferentes, mas com o mesmo significado: Nívea, Alba, Clara e Branca. Por que não aproveitar, então, a lista de chamada para enriquecer as aulas de línguas?

Essa atividade de início de aula faz justamente isso: “desvenda” a origem e o significado dos nomes, ensinando algo que a maioria dos estudantes não sabe sobre si mesma.

- a) Consiga um dicionário de nomes, destes que as futuras mães comprem para escolher o nome dos bebês. Leve-o para a aula. Providencie com antecedência, também, dicionários da língua que você ensina. (Também é possível obter os significados dos nomes em sites na internet.)
- b) Entre no assunto com os estudantes, perguntando (se possível, na língua adicional) se alguém sabe por que tem o nome que tem, ou seja, por que os pais escolheram um determinado nome, e não outro qualquer, quando eles nasceram. Pergunte também se alguém preferiria ser chamado de outra maneira, se há na sala sobrenomes que são palavras em algum idioma, e finalmente se eles concordam que a maioria das pessoas tem a “cara” do nome que tem.
- c) Revele, então, a existência do seu dicionário, e combine com os estudantes que no início de cada aula você vai escrever no quadro o significado do nome de três estudantes, aleatoriamente, até que todos saibam exatamente o que o seu nome significa.
- d) Escreva no quadro, na língua adicional, o significado dos três primeiros nomes. Deixe que os estudantes procurem nos dicionários o significado das palavras desconhecidas.

Não empreste o dicionário para os estudantes verem com antecedência o significado de seus nomes, porque o “suspense” torna a atividade muito mais instigante e as definições do dicionário estarão em português.

Nesta atividade o estudante se motivará por obter uma informação a respeito dele próprio e dos colegas, podendo levar esta informação para familiares e amigos.

Levando em consideração que a motivação intrínseca é mais relevante, Brown (2007, p. 93) aponta uma lista de questões que o professor deverá perguntar a si mesmo, a fim de determinar se o trabalho que está sendo feito com os estudantes está contribuindo para as orientações intrínsecas dos mesmos:

1. A técnica apela para os interesses genuínos dos seus estudantes? É relevante para a vida deles?
2. Você apresenta a técnica de uma forma positiva e entusiasta?
3. Os estudantes estão claramente cientes da proposta da técnica?
4. Os estudantes têm opção de
  - a. escolher algum aspecto da técnica?
  - b. determinar como eles irão preencher as metas da técnica?
5. A técnica encoraja os estudantes a descobrir por eles certos princípios ou regras (ao invés de simplesmente ser “dito”)?
6. A técnica encoraja os estudantes de algum modo a desenvolver ou usar estratégias efetivas de aprendizado e comunicação? A técnica contribui – ao menos em certa medida – para a autonomia e independência final (de você)?
7. A técnica promove a negociação cooperativa com outros estudantes na aula? É realmente interativa?
8. A técnica apresenta um “desafio razoável”?

<sup>9</sup> Atividade adaptada do livro *Cem aulas sem tédio* (Amorim, 2003).

9. Os estudantes recebem *feedback* suficiente da sua performance (deles mesmos ou de você)?

Estas questões têm duas opções de resposta: sim ou não. O professor deve buscar atingir o máximo de respostas positivas para determinar que o trabalho que está fazendo está direcionado para atingir a motivação intrínseca do estudante.

Pensando em focar o ensino no que o estudante tem interesse, um assunto válido a ser abordado é sobre os projetos de aprendizagem. Segundo Fagundes (2007), através destes projetos, as atividades feitas em aula são designadas pelo grupo de estudantes juntamente com o professor. Assim, o estudante torna-se o protagonista do sistema de ensino, e a aula é desenvolvida a partir de seus interesses e curiosidades. Nos projetos de aprendizagem é dada a devida autonomia ao estudante, que vai construir o conhecimento a partir do que considera importante. Esta alternativa provoca o envolvimento do estudante com o conteúdo e, conseqüentemente, promove a motivação de uma forma simples e natural, já que o estudante estará buscando um conhecimento que ele próprio se propôs a galgar. Pode-se pensar que, com os estudantes propondo os conteúdos a serem vistos, o currículo escolar não será cumprido e por isso, não se obterá um resultado satisfatório. Neste ponto é interessante verificar o que é satisfatório para o ensino da língua adicional. Segundo os Referenciais Curriculares do Rio Grande do Sul (Rio Grande do Sul, 2009, p. 133),

o ensino de línguas adicionais na escola serve para o desenvolvimento da reflexão sobre si mesmo e sobre a sua condição mediante o encontro com o outro, em outras palavras, para que o educando possa compreender a si mesmo e o mundo em que vive (autoconhecimento), para compreender e refletir sobre o uso da linguagem e o cruzamento intercultural (inclusive em língua portuguesa) na sua própria cultura, compreender valores atribuídos às línguas na sociedade em que vive. Portanto, serve para promover oportunidades de letramento do educando no mundo mais amplo, para mais além das suas identidades e comunidades locais de atuação e de interação, para, em última análise, poder redimensionar o que já conhece e valoriza e, então, crítica e conscientemente, promover mudanças.

Analisando esta concepção, é possível inferir que, no momento que o estudante sugere um assunto a ser trabalhado e busca meios de suprir sua curiosidade a respeito deste assunto, está desenvolvendo sua percepção e através deste novo conhecimento adquirido, irá conhecer melhor a si mesmo. Neste caso, o professor atua como um facilitador, além de ser o ponto ao qual o estudante poderá recorrer sempre que necessitar de ajuda. Este método ainda parece aproximar o professor do estudante, visto que este verá o professor como alguém que irá apoiá-lo no processo de desenvolvimento do saber mais claramente do que em uma situação convencional de ensino, em que o professor expõe o conteúdo e o estudante o “retém”.

Outro fator importante na questão da metodologia da aula é a forma de avaliação utilizada. Esta não deve ser vista pelo estudante como uma punição, como um causador de medo (o que muitas vezes ocorre). É interessante buscar formas indiretas de avaliação, como participação nas aulas, interação com o grupo, interesse demonstrado pela aula. As Orientações Educacionais Complementares aos PCNEM (Brasil, 2002, p. 124) mostram a avaliação formativa como método de avaliação. Este método visa analisar o estudante individualmente em vários aspectos, pressupondo diagnóstico, observação *in loco* e intervenções diferenciadas. Mas é apontado que há obstáculos que impedem que esta avaliação seja colocada em prática, como o número de estudantes por classe e o horário escolar. De qualquer forma, é importante que o estudante não tenha medo de ser avaliado. Dörnyei (2003, p. 118) aponta que é importante fazer com que os estudantes procurem olhar positivamente para o aprendizado, e assim, façam uma boa auto-avaliação. O professor pode contribuir com este olhar positivo das seguintes formas:

- Proporcionar feedback positivo aos estudantes;
- Perceber e reagir a cada contribuição positiva dos estudantes;
- Aumentar a satisfação do estudante;
- Monitorar o progresso do estudante;
- Tornar o progresso do estudante tangível, encorajando a produção de registros visuais e organizando eventos regulares;

Ao ressaltar os aspectos positivos desenvolvidos pelos estudantes durante a aula, o professor encoraja o estudante a participar mais das atividades, o envolvendo no aprendizado e colaborando para aumentar a motivação no ambiente escolar.

O encerramento da aula também pode contribuir para que os estudantes sejam motivados. A seguir, uma atividade para ser realizada ao final da aula:

Qual é o Filme? (Atividade rápida, de grupo)<sup>10</sup>

Muitas vezes, acaba-se a aula no atropelo de ter de concluir o assunto proposto para o dia ou, ainda pior, a tal lição que cairá na prova no próximo encontro. Sempre que possível, entretanto, vale a pena investir os minutos finais em uma atividade divertida e relaxante que será a mais motivadora de todas: fará com que o estudante queira voltar na próxima aula, e espera-se, na outra, e na outra. Essa atividade é ideal para pré-adolescentes, adolescentes e cinéfilos em geral. Desenvolve a comunicação não verbal (importantíssima como “coringa” para os aprendizes de uma língua adicional) e o espírito de grupo.

- a) Na véspera, prepare 15 a 20 cartões com nomes de filmes famosos. Como a maioria destes filmes será de origem americana, professores de inglês podem escrever o nome original do filme, enquanto os de outras línguas escreverão o nome em português e o nome original na língua adicional.
- b) A turma é separada em grupos de oito a dez estudantes. Um representante do primeiro grupo vai até o quadro e pega aleatoriamente um papel daqueles oferecidos pelo (a) professor (a). Ele terá um minuto para tentar expressar por mímica o nome do filme que está escrito no papel. Explique que os demais membros do grupo podem se comunicar, mas no estilo “telefone sem fio”, ou seja, falando baixinho com o colega ao lado, deixando que este leve a informação adiante. Pode dar mais trabalho, mas com certeza garantirá mais pontos para o grupo e risadas adicionais.

Se os colegas acertarem, a pontuação será dada da seguinte maneira:

1 ponto por acertar o nome do filme

1 ponto adicional se acertar no primeiro palpite

Mais 1 ponto se disser o nome do filme na língua adicional. (Pode ser a tradução do nome do filme em português, não é necessário que seja o nome original do filme.)

Se o estudante que estiver “transmitindo” o nome do filme disser qualquer palavra ou emitir som, o grupo pede três pontos.

Deve-se prestar atenção a todos os momentos da aula, do início ao fim, para que a dinâmica seja persuasiva ao interesse do estudante.

### 3.3 A sala de aula

Aprender uma língua é diferente de aprender outras disciplinas oferecidas na escola, pois o estudo de uma língua abarca uma cultura diferente. Além disso, envolve técnicas diferentes de aprendizagem. Não há como se aprender apenas decorando regras, não há como estudar só na véspera de prova, pois o conhecimento é lento e cumulativo. Para tornar isso mais fácil, a contextualização, a aprendizagem significativa é fundamental. A distância entre a cultura do estudante e a da língua que está sendo aprendida deve ser considerada, e por isso é importante contextualizar o que é ensinado. Quanto mais próximo o estudante se

---

<sup>10</sup> Atividade adaptada do livro Cem aulas sem tédio (Amorim, 2003).

sentir da cultura da língua, mais chance terá de se motivar com o conteúdo e, conseqüentemente, se envolver com o aprendizado.

O ambiente em que a aula de uma língua adicional acontece é muito importante. Algumas escolas destinam salas especificamente para uma disciplina, e esta é uma escolha muito produtiva. Como o ensino de uma língua adicional abarca uma cultura diferente, é interessante que se possa fazer com que o estudante entre em outro mundo durante a aula, um mundo em que esta outra cultura está presente.

Gostaria de citar aqui uma experiência positiva que presenciei em uma sala de aula no ensino de Língua Inglesa. A escola em questão, uma escola de ensino fundamental e médio da rede estadual, disponibilizava uma sala para o ensino da Língua Inglesa. A professora titular da disciplina aproveitou este ambiente e em todas as datas comemorativas de países de Língua Inglesa, a sala era decorada. Por exemplo, próximo ao dia 14 de fevereiro, quando se dá o Valentine's day, a professora decorou a sala com corações e cartazes que continham versos românticos de músicas em inglês. Quando os estudantes da primeira turma chegaram ao ambiente escolar e viram aquela decoração, começaram a perguntar do que se tratava e realmente se mostraram interessados. Os estudantes estavam insatisfeitos de estar estudando naquele mês, por consequência de uma greve, e certamente aquela "surpresa" foi um fator desencadeador de motivação. A professora então aproveitou a situação e contou sobre a data. Ela levou um pouco da cultura de outro país cuja língua nativa é o inglês sem forçar nenhuma situação, simplesmente dirimindo as perguntas que os próprios estudantes estavam fazendo. Este tipo de surpresa pode ser feita durante o ano inteiro: o professor pode consultar um calendário de feriados e festividades dos países em que se fala a língua adicional trabalhada e levar esta informação para os estudantes, decorando a sala, levando uma curiosidade sobre a data. Qualquer contribuição que faça com que o grupo conheça mais da cultura do outro país.

É interessante aproveitar oportunidades para surpreender positivamente os estudantes, como decorar a sala, entregar uma letra de música, até mesmo levar música para a sala e deixar a música tocando enquanto os estudantes fazem alguma atividade.

Infelizmente não é em todas as escolas que existe a possibilidade de ter uma sala específica para a disciplina da língua adicional, mas é possível que se crie um ambiente propício para este tipo de contextualização, pois se pode conversar com outros professores para que se possa aproveitar este espaço. A sala de aula é o ambiente que o estudante tem para conhecer e utilizar a língua adicional, e quanto mais o professor se utilizar deste ambiente para mostrar a cultura desta língua, menos distanciamento o estudante vai sentir, o que pode favorecer a motivação no aprendizado.

O professor deve usar toda e qualquer oportunidade para fazer o estudante se envolver e se sentir envolvido no contexto de ensino da língua adicional.



#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao escolher a motivação no ensino da língua adicional como assunto do trabalho, eu estava pensando sobre meu futuro como professora e sobre como eu poderia perceber melhor a relação dos estudantes com este ensino. Meus objetivos foram verificar o contexto do ensino da língua adicional em relação aos fatores desencadeadores da motivação, para buscar meios de transpor os obstáculos que podem aparecer durante o percurso do aprendizado. Após as leituras que fiz acerca do assunto, constatei que motivação é, certamente, o que faz com que uma pessoa parta para a ação e comece a fazer o que acredita ser interessante para ela. Por esta razão, acredito ser um assunto de extrema importância para os profissionais da educação, visto que devemos cada vez mais envolver o estudante na prática da educação. O estudante não deve ser considerado uma folha em branco a ser preenchida com o conhecimento indefectível do professor. É necessário que se perceba a importância do estudante no papel do ensino: ele deve ser considerado o principal foco do trabalho. Por isso, verificar a situação do ensino da língua adicional, do estudante em relação ao ensino e do professor em relação ao estudante é de extrema importância para que se possa fazer um trabalho voltado para as necessidades e interesses do estudante.

Devido à tamanha importância deste assunto, comecei a pensar sobre como a motivação é abordada na universidade. Ao consultar o currículo do curso de Letras – Licenciatura, não encontrei disciplina que tenha a motivação como objetivo principal. Os professores da universidade abordam este assunto em aula vez ou outra, mas não há um direcionamento na grade curricular, uma disciplina que trata especificamente sobre motivação. Certamente este é um fato preocupante, pois a motivação, apesar de ser um assunto relativamente recente em se tratando de educação, é considerada um fator decisivo no bom andamento do ano escolar. Já há bastante literatura a respeito do assunto, mas infelizmente os exemplares disponíveis aos futuros professores nas bibliotecas da universidade são escassos. A universidade deveria apontar de forma clara a relevância da motivação para o ensino, oferecendo disciplinas sobre o assunto.

Após fazer leituras acerca deste importante tema, compreendi que é necessário, além de contribuir para a motivação, não desmotivar o estudante.

Deve-se sempre procurar um meio menos enfático de propor atividades. Na verdade, o ideal é que a aula seja construída juntamente com os estudantes, para que eles se sintam parte dela e também responsáveis por ela.

Com este trabalho, procurei verificar a motivação de forma geral no ensino de línguas da educação básica. Há outros pontos mais específicos a respeito do assunto que não também podem ser observados, como a questão da individualidade: cada pessoa é motivada de uma forma diferente, dependendo de sua forma de ser e de receber os mais diversos incentivos que um professor possa usar. Assim, é importante verificar que a motivação no contexto do ensino é um assunto amplamente interessante e que pode contribuir para que professores e estudantes realizem um bom trabalho em conjunto, e quem sairá vitoriosa desta união é a educação.

## REFERÊNCIAS

AMORIM, V. *Cem aulas sem tédio: sugestões práticas, dinâmicas e divertidas para o professor de língua estrangeira*. Santa Cruz: Ed. PE. Réus, 2003.

BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *PCN Ensino Médio. Orientações Educacionais Complementares ao Parâmetros Curriculares Nacionais: linguagens, códigos e suas tecnologias*. Brasília, MEC/SENT, 2002

BROWN, H. D. *Teaching by principles: an interactive approach to language pedagogy* – 3<sup>rd</sup> ed. São Francisco (CA): Pearson, 2007

CAVENAGHI, A.R.A. *Uma perspectiva autodeterminada da motivação para aprender língua estrangeira no contexto escolar*. Ciências & Cognição 2009; Vol 14 (2): 248-261 <http://www.cienciasecognicao.org>. Publicado on line em 31 de julho de 2009. Acessado em 05 de maio de 2010.

CELANI, M.A. *Learned-based teaching in unfavourable classroom situations*. In Educação para crescer. Secretaria da Educação do Estado do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1993

DECI, E. L. & RYAN, R. M. *Intrinsic and Extrinsic Motivations: Classic Definitions and New Directions*. Contemporary Educational Psychology 25, 54–67(2000) Disponível em <http://www.idealibrary.com>. Acessado em 05 de maio de 2010

DÖRNYEI, Z. *Motivation and Second Language Acquisition*. University of Hawai'i, 2001

\_\_\_\_\_. *Motivational Strategies in the Language Classroom*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003

FAGUNDES, L. da C. *Projeto? O que é? Como se faz?* In: *Aprendizes do futuro: as inovações começaram.* 2007. Disponível em <  
[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&c\\_o\\_obra=40249](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&c_o_obra=40249)> Acessado em 20 de maio de 2010.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.* São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HOUAISS, A. e VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2009

MASLOW, A. H. *Motivation and Personality.* New York: Harper & Row, 1970

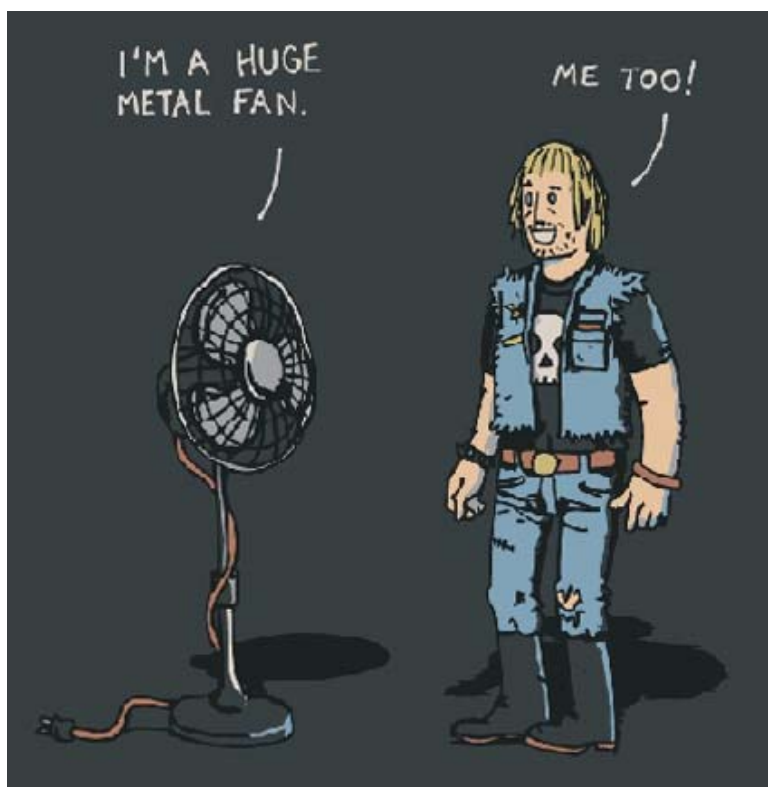
RIO GRANDE DO SUL. Secretaria da Educação. Departamento Pedagógico. *Referenciais curriculares do Estado do Rio Grande do Sul.* Porto Alegre: Secretaria da Educação, 2009

SCHÜTZ, R. *Motivação e Desmotivação no Aprendizado de Línguas.* English made in Brazil. Disponível em <HTTP://www.sk.com.br-motiv.html.Online>> 10 de novembro de 2003. Acessado em 25 de abril de 2010.

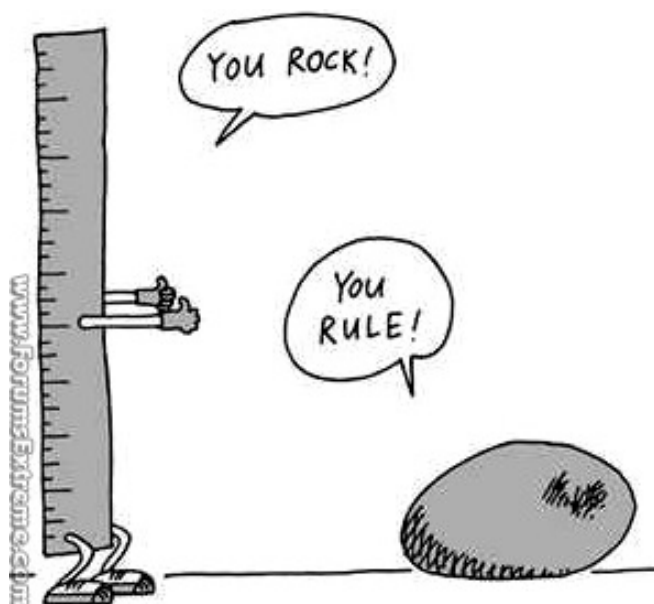
## ANEXO

É interessante levar piadas, histórias em quadrinhos ou charges na língua-alvo para levar ou pouco de diversão para a aula. Os arquivos devem conter um vocabulário que se adéque ao nível da turma ou de fácil entendimento visual, e deve haver um *feedback*, comentando o material com os estudantes. Abaixo estão alguns exemplos na Língua Inglesa:

1 – Metal fan (Disponível em < <http://sunboar.files.wordpress.com/2008/04/huge-metal-fan1.jpg>> acessado em 27 de junho de 2010).



2 – Rock/rule ( Disponível em <[http://www.forumsextreme.com/images/fGe\\_YouRockYouRule.jpg](http://www.forumsextreme.com/images/fGe_YouRockYouRule.jpg)> Acessado em 27 de junho de 2010).



3 – Worst job (Disponível em <<http://www.citehr.com/members/63662-rmp2427-albums-office-humor-picture754-worst-job.jpg>> Acessado em 27 de junho de 2010).



4 – Mafalda (Disponível em <[http://meetingroom.files.wordpress.com/2009/05/mafalda\\_english.jpg](http://meetingroom.files.wordpress.com/2009/05/mafalda_english.jpg)> Acessado em 27 de junho de 2010).

